

Alfabetização e letramento: desafios contemporâneos à docência nas séries iniciais

Literacy and "lettering": challenges contemporary to teaching in initial grades

Márcia Martins de Oliveira Abreu¹

Resumo

O trabalho resulta de uma pesquisa de Mestrado em Educação que investigou as transformações conceituais e metodológicas dos processos de alfabetização e letramento ocorridas em decorrência da implementação do Ensino Fundamental de nove anos na Rede Municipal de Ensino de Uberlândia no estado de Minas Gerais. O estudo permitiu reflexões sobre a caracterização da criança de seis anos, bem como o trabalho pedagógico desenvolvido com esta, no qual os sujeitos revelaram suas práticas e concepções sobre os processos de alfabetização e letramento, refletidos nos discursos e nas ações cotidianas. Tendo em vista o entendimento dos profissionais responsáveis pela implementação da política em foco, considera-se que a materialização desse processo de mudança pode se configurar nas práticas pedagógicas como limites ou possibilidades de desenvolvimento de um trabalho qualitativo com a alfabetização e o letramento.

Palavras-chave: Alfabetização. Educação. Letramento.

Abstract

This work is the result of a Masters research in Education that investigated the conceptual and methodological transformations on the processes of literacy and "lettering" resulting from the implementation of nine-year Elementary School in the public education system of Uberlândia, in the state of Minas Gerais. The study allowed reflections on the characterization of six-year-old children, as well as the pedagogical work developed with them, in which the subjects revealed their practices and concepts on literacy and "lettering" processes reflected on the speeches and the daily actions. Having in mind the agreement between the professionals responsible for implementing the policy in focus, it is considered that the materialization of this process of change can be configured in the pedagogical practice as development limits or possibilities of a qualitative work with literacy and "lettering".

Keywords: Literacy. Education. Lettering.

¹ Professora, Universidade Federal de Uberlândia, Escola de Educação Básica. Av. João Naves de Ávila, 2121, Campus Santa Mônica, 38408-100, Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: <mmartinsabreu@uol.com.br>.

Introdução

O presente trabalho resultou de uma pesquisa desenvolvida com o objetivo de investigar as transformações conceituais e metodológicas dos processos de alfabetização e letramento, ocorridas em decorrência da implementação do Ensino Fundamental de nove anos na Rede Municipal de Ensino de Uberlândia (MG). Referendada na abordagem qualitativa, a pesquisa compreendeu as determinações que envolviam o objeto por meio de um estudo de caso, cujo campo de pesquisa trata-se de uma escola da rede municipal de Uberlândia. Delimitou-se como contexto uma sala de aula de série introdutória, uma da primeira série e outra da segunda série do Ensino Fundamental de nove anos.

Entender o trabalho docente, desenvolvido na perspectiva da mudança realizada, a partir da ampliação do Ensino Fundamental, legalmente instituída no contexto escolar, e ainda acompanhar o processo de reflexão teórico-prático do professor das séries iniciais caracteriza-se como oportunidade de reflexão da prática pedagógica em todas as séries do Ensino Fundamental e não apenas em ações reflexivas com os profissionais das séries iniciais. Isto, considerando que a atuação docente cotidiana em diversas séries deste nível revela, quase sempre, um distanciamento da autonomia de expressão, seja ela oral, escrita ou corporal. Tal distanciamento inicia-se, geralmente, logo nos primeiros anos do Ensino Fundamental:

Quando a criança chega à escola regular, o quadro se altera substancialmente. A rodinha é desfeita, as carteiras são enfileiradas, a fala é monopolizada pela professora que segue à risca o conteúdo da cartilha e do manual. Sem que se dê conta disso, a professora que silencia a criança é igualmente silenciada: sua voz se faz instrumento da fala de outro - a do autor da cartilha ou do livro didático (Garcia, 1993, p.18).

Vale observar que dependendo da forma com que os processos de alfabetização e letramento são abordados, especialmente nas séries iniciais, esses influenciam significativamente no relacionamento que os alunos estabelecem com o mundo da escrita. Na Educação Infantil, percebe-se que o ambiente,

muitas vezes, apresenta-se mais propício a uma interação prazerosa e natural com a escrita do que em séries mais avançadas. O fato de a criança ter mais oportunidades de vivenciar a língua escrita e seus desenhos, em suas funções sociais, pode contribuir fundamentalmente para uma maior atribuição de sentido aos seus registros gráficos, sejam eles desenhos, números ou letras. Uma maior interação entre os educadores dos dois níveis, Educação Infantil e Ensino Fundamental, poderia oportunizar trocas de experiências educacionais profícuas.

Partindo do pressuposto de que as séries iniciais são períodos propícios para o ensino e a aprendizagem dos processos de alfabetização e de letramento e, ainda, tem real importância para a aprendizagem de outras formas de conhecimentos, a presente pesquisa apresentou como centro de investigação o desenvolvimento desses dois processos nas séries iniciais.

Com a implementação da política de ampliação do Ensino Fundamental, um maior número de crianças irá constituir o sistema educacional brasileiro, especialmente as pertencentes às esferas populares. Essa mudança impõe, dentre outros encaminhamentos, orientações pedagógicas que considerem as reais necessidades infantis para que as crianças possam se desenvolver como sujeitos da aprendizagem. Consequentemente, para que o desenvolvimento de um trabalho qualitativo se concretize nas escolas, faz-se necessário um envolvimento coletivo em prol do alcance de objetivos comuns que atendam às novas exigências sociais. Ao discorrer sobre os desafios educacionais da atualidade, Haetinger (2009, p.32) aponta:

[...] somos parte e produto de um mundo em transformação, no qual novas necessidades e argumentos emergem, todos os dias, para nos darmos conta de que precisamos mudar, revolucionar, se quisermos de fato ingressar na era do conhecimento. Com certeza, esta revolução começa na escola e tem como protagonistas professores e alunos, e como coadjuvantes os gestores e a comunidade.

A partir da reflexão dessas observações e na tentativa de analisar o atual contexto de mudança da criança de seis anos para outro nível de ensino, a

preocupação com o risco em desconsiderar a autonomia e a produção infantil se faz presente nesse estudo, dentre outras indagações, sobretudo em relação aos processos de aquisição da linguagem escrita. Nesse contexto questiona-se: existe um lugar ou um período específico para a alfabetização e o letramento no Ensino Fundamental de nove anos? Quais são as concepções e as práticas docentes do alfabetizador no contexto de implementação do Ensino Fundamental de nove anos? Acredita-se que o olhar lançado no processo investigativo, mais do que as ferramentas utilizadas, é singular e definitivo. Conforme Brandão (2003, p.49):

[...] entre a estrela, o telescópio e o computador existe o olho humano - muitas vezes míope - de um astrônomo. Quero lembrar-lhes de que é este olho, mais do que a máquina com que ele olha, quem vê e percebe o que a mente procura compreender para si mesma e depois busca tornar cientificamente compreensível para os outros.

Métodos

Foi a partir deste olhar que se construiu o caminho metodológico, no momento em que se desejou realizar esse processo investigativo sobre algumas dúvidas, hipóteses e questionamentos instigados pelas experiências vivenciadas até então pela pesquisadora no campo profissional.

Ao buscar uma metodologia que permitisse o conhecimento do contexto atual de profundas mudanças políticas educacionais, em especial no que se referia à implantação do Ensino Fundamental de nove anos no município de Uberlândia (MG), o desenvolvimento da pesquisa ocorreu, conforme já ressaltado, por meio de um Estudo de Caso. A opção por essa modalidade de investigação justifica-se pela compreensão de que a aplicação desse método, em uma abordagem qualitativa, possibilitaria à pesquisadora uma visão ampla do objeto estudado, considerando o seu envolvimento com a realidade social, política, econômica, histórica e cultural. Ao se optar por essa metodologia visou-se uma análise de

relações dos sujeitos pesquisados com os saberes produzidos. De acordo com Charlot (2000, p.79), analisar “a relação com o saber é estudar o sujeito confrontado à obrigação de aprender, em um mundo que ele partilha com outros [...]”.

Vários desafios estiveram presentes no decorrer de toda a pesquisa: as escolhas dos instrumentos; a relação com o meio e os sujeitos colaboradores; a organização e sistematização das informações, e, por fim, a relação entre os dados. Durante o estudo, a pesquisadora deparou-se com alguns conflitos. Houve a necessidade de exercitar a compreensão de que parte do processo de investigação que incluía suas leituras e suas interpretações, apesar de poder contribuir com educadores, gestores e estudiosos da temática, apresentava também suas limitações. De acordo com André (1995, p.61):

Como no estudo de caso o instrumento principal é o pesquisador, um ser humano, as observações e análises vão estar sendo filtradas pelos seus pontos de vista filosóficos, políticos, ideológicos. E não poderia ser diferente. Quando começa um trabalho de pesquisa, o pesquisador não pode deixar de lado os seus valores, as suas crenças e os seus princípios. No entanto ele deve estar ciente deles e deve ser sensível a como eles afetam ou podem afetar os dados.

Resultados e Discussão

Para a análise das diferentes situações que envolviam o objeto de estudo, recorreu-se a uma variedade de dados, coletados em diferentes momentos e situações. A pesquisa aconteceu dentro e fora da sala de aula, utilizando os seguintes instrumentos: observação participante de aulas e outras situações; questionários; entrevista; atividades de leitura e escrita produzidas pelos alunos, as quais foram analisadas com o intuito de se refletir sobre concepções e práticas de alfabetização e de letramento, junto ao corpo discente e docente das séries iniciais do Ensino Fundamental.

A implementação de mudanças educacionais dessa natureza exige especialmente o comprometimento dos profissionais responsáveis pela implantação da política em foco. Portanto, conforme o professor-alfabetizador entenda e materialize esse processo de mudanças em suas práticas, podem-se configurar limites ou possibilidades de desenvolvimento de um trabalho qualitativo com os processos de alfabetização e letramento. O questionamento sobre o desenvolvimento da alfabetização e do letramento constituiu-se um dos aspectos primordiais de interpretação para a pesquisadora acerca da realidade investigada.

Ao serem indagadas sobre o trabalho com as crianças de seis anos, as professoras participantes da presente pesquisa revelaram que o lugar da alfabetização e do letramento pode mudar, conforme as concepções docentes. A utilização do termo lugar, aqui mencionado, refere-se ao momento para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Para as professoras, não há um consenso acerca do momento de aquisição da leitura e da escrita. Os relatos seguintes evidenciam os posicionamentos diferenciados em relação ao lugar da alfabetização: *"Eu acho que agora dificilmente um aluno que fez série introdutória chegará na primeira série sem saber ler!"* (Professora da segunda série).

Para essa professora, na série introdutória, deve-se alfabetizar o aluno, porém, a professora da referida série não compartilha da mesma opinião: *"Eu acho que essa mudança pode ajudar a melhorar a educação desde que a professora não venha com aquela obrigação de alfabetizar os meninos, porque senão vai ser um massacre geral!"* (Professora da série introdutória).

Em outro momento, a professora da segunda série reafirma sua concepção de que nesta série a criança precisa saber ler e escrever: *"Ele sabe ler sim gente! Se ele não soubesse com certeza ele não estaria aqui, aqui é uma sala de segunda série!"* (Professora de segunda série se referindo a um aluno da turma).

Cada professora, na singularidade de seu entendimento, ao olhar para a alfabetização relacionada à mudança faz uma leitura diferenciada, conforme

suas experiências com a série e com o contexto em que atua profissionalmente. Assim, de acordo com as suas concepções e expectativas de melhoria na educação, delimita um lugar onde a alfabetização deva se desenvolver.

Além de um entendimento diferenciado em relação ao momento em que os processos de alfabetização e letramento devam ocorrer, em vários momentos, foram apresentadas pelas professoras concepções diferenciadas desses processos e práticas pedagógicas. Essas concepções, muitas vezes, são norteadas por uma visão comparativa em relação ao trabalho desenvolvido com as séries anteriores e posteriores ou em relações às contradições impostas pelo contexto em que se encontram inseridas.

Nos depoimentos sobre a organização do trabalho das professoras e nas considerações sobre a avaliação é evidenciada uma visão comparativa:

Eu poderia até ir mais devagar no conteúdo, mas lá na 2ª série, dependendo na mão de quem eles caem, a coisa é feia! Às vezes tem uns alunos ao final do ano que você considera que poderiam ir para a 2ª série, mas se a leitura ou a escrita ainda estiver devagar eu não mando, porque senão é o professor de 1ª série é que se queima (Professora da 1ª série).

Às vezes tem professor que acha que porque as crianças estão entrando mais cedo, tem que preparar o aluno para ler e escrever e aí deixa o brincar, o lúdico de lado! (Professora da série introdutória).

O conceito de bom para nós da 1ª série é diferente do conceito de bom das professoras da 2ª série, às vezes no final da 1ª série um aluno que para nós é 60%, 70% ou 80%, quando a professora da 2ª série pega ele, no início do outro ano, ela considera o mesmo aluno 40% e diz que ele não está apto para estar naquela série (Professora da 1ª série).

A alfabetização caracterizada na fala das professoras apresenta-se como algo que ocorre em determinado espaço de tempo delimitado e não como um processo. Pode ser por esse mesmo motivo que, ao falar sobre o período em que deveria ocorrer a alfabetização, os apontamentos das professoras revelaram, em alguns momentos, a não contemplação

da sua própria prática alfabetizadora. Ao se posicionar sobre o trabalho com a alfabetização, cada professora fazia referências ao desenvolvimento do aluno, quase sempre, em outra série diferente da que ela atuava.

Apesar da divulgação dos estudos e das referências teóricas que definem a alfabetização enquanto um processo construído de maneira contínua, de acordo com Ferreiro (1993), Kleiman (1995) e Soares (2001), muitas vezes, o professor em sua atuação cotidiana não consegue conceber esse processo como contínuo, que se desenvolve no decorrer dos três primeiros anos do Ensino Fundamental de nove anos. E pode, ainda, não vislumbrar que a responsabilidade de contribuição com o desenvolvimento desse processo é de todos os profissionais que atuam com alunos nesse período e não de determinado professor isoladamente.

Além da alfabetização se delinear como um processo contínuo, a partir dos referenciais de estudo presentes nesta pesquisa, considera-se, ainda, que ela não necessariamente se inicia juntamente com o processo de escolarização, pois mesmo antes de frequentar a escola a criança, desde que nasce, relaciona-se com o mundo da escrita. Partindo desse pressuposto, entende-se que atuar nas séries iniciais significa conviver e trabalhar, a cada ano, com crianças dos mais diversos níveis de alfabetização e de letramento.

O desenvolvimento desses processos evidenciado nas produções dos alunos pesquisados, por meio das atividades realizadas pelas alfa-

betizadoras, apresentou uma variedade de níveis entre os alunos pertencentes a mesma turma e àqueles de turmas diferentes. Assim, pode-se inferir que não há uma correspondência entre o domínio da linguagem escrita e o tempo de frequência no processo de escolarização. A título de exemplo, apresentam-se duas atividades de ditado (Figuras 1 e 2).

Os alunos, cujas atividades foram apresentadas, demonstraram domínios semelhantes no desenvolvimento da proposta. Embora a aluna da série introdutória estar cursando duas séries anteriores e ser mais nova em relação ao aluno da segunda série, sua produção se aproxima mais da escrita convencional.

Pode-se, então, inferir que a produção do conhecimento sobre a escrita, bem como a sua utilização, ou seja, a competência linguística, não é determinada pela idade e a série em que o aluno se encontra. Esta variedade de nível da aquisição da escrita revela que essa competência apresenta-se também relacionada às experiências vivenciadas até aquele momento com o mundo da escrita.

Os níveis de aprendizagem dos alunos pesquisados reafirmam a concepção de que, apesar da escola ser um espaço privilegiado de aquisição da escrita e contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento desses processos, o conhecimento e a utilização da língua escrita ocorrem nos vários contextos sociais, não se restringindo ao espaço escolar. Daí, o fato de cada aluno das séries iniciais, apesar de constituir coletivamente uma classe de

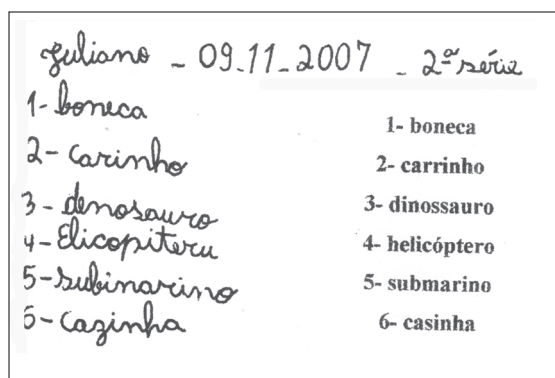


Figura 1. Atividade de ditado de um aluno da 2ª Série (9 anos e 1 mês).

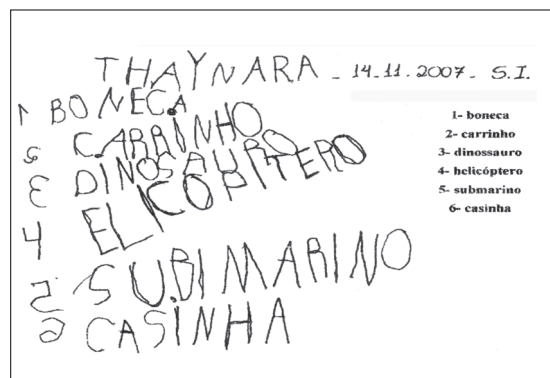


Figura 2. Atividade de ditado de aluna da série introdutória (6 anos e 4 meses).

alfabetização, possuir habilidades e conhecimentos diferenciados e individualizados em relação à linguagem escrita.

Uma classe de alfabetização é constituída de crianças com histórias de vida diferentes: umas sabem algumas coisas, outras sabem outras, umas já frequentaram a escola, outras a estão frequentando pela primeira vez, umas têm experiências sistematizadas com a língua escrita, outras mal manuseiam seu material; por fim, as realidades são distintas e essa diversidade é positiva quando se tem a pretensão de trabalhar de forma interativa, respeitando as singularidades. Isso parece necessário na medida em que aprender é, também, um ato individual: cada um aprende segundo seu nível de desenvolvimento, suas experiências e suas habilidades (Miranda, 2008, p.90).

A diversidade encontrada nas três turmas pesquisadas, além de evidenciar o universo variado de níveis de alfabetização e de letramento com o qual o alfabetizador desenvolvia o trabalho pedagógico nesse período das séries iniciais, reafirmou que realmente não existe um lugar ou um período pré-determinado em que são desenvolvidos esses processos. Assim, explica-se o fato de as professoras das séries iniciais depararem-se comumente, em suas salas de aula, com alunos que se desenvolvem de maneiras diferentes e em momentos também diferenciados.

Baseando-se nesse fato, o desenvolvimento dos alunos pesquisados revelou que o lugar da alfabetização e do letramento não está relacionado à faixa etária ou à série em curso. Esse lugar é variável e depende, conforme afirmado, da relação que o aluno estabelece com a leitura e a escrita, seja aos cinco, seis ou sete anos de idade.

Mesmo que para os docentes envolvidos no processo de implementação do Ensino Fundamental de nove anos, na Rede Municipal de Ensino de Uberlândia, não esteja claro que o lugar da alfabetização não se apresenta delimitado a determinado período, o desenvolvimento dos alunos das séries iniciais, observado através dessa pesquisa, coeren-

temente com a teoria utilizada pelos materiais oficiais produzidos com vistas à formação docente, revelou que esse lugar não existe em um determinado período, podendo variar de indivíduo para indivíduo. Pode-se inferir, portanto, que sendo a alfabetização e o letramento processos contínuos é necessário trabalhá-los de forma processual, respeitando o nível de desenvolvimento dos alunos.

O ambiente escolar deve oportunizar a construção da alfabetização e do letramento, assegurando a relação com a leitura e a escrita enquanto conhecimento de vida, de mundo e de si mesmo. Acreditando nisso, é que se afirma que o lugar da alfabetização e do letramento, no decorrer da trajetória escolar e especialmente nos três primeiros anos do Ensino Fundamental de nove anos, é uma concepção a ser construída nos espaços escolares pertencentes a esse novo contexto.

Além da necessidade de rever as concepções docentes sobre a alfabetização como processo contínuo e singular a cada indivíduo, outro aspecto sobre o qual foram tecidas reflexões, por meio dessa pesquisa, foi a necessidade do desenvolvimento de processos que habilitem o aluno a utilizar de forma eficiente essa tecnologia, bem como os demais conhecimentos adquiridos na escola, em diversas situações e contextos. No entanto, evidenciou-se que o trabalho com diferentes práticas de letramento varia na atuação de cada profissional, dependendo das condições que o meio oferece, dos objetivos docentes e especialmente das concepções que subjazem da atuação de cada professor.

Por meio da observação participante que se realizou nas aulas das turmas pesquisadas, um aspecto identificado diariamente foi as diferentes formas com que cada docente conduzia as aulas e os processos de alfabetização e letramento, mesmo quando se direcionava a mesma faixa etária.

Na turma de série introdutória, por exemplo, a professora regente sempre iniciava as aulas com a exploração oral sobre uma temática com os alunos, muitas vezes levava um objeto ou um portador de texto (revistinha, livro, manchete de jornal), que era explorado com a turma oralmente, para depois apresentar os conteúdos e as atividades propostas.

Em contrapartida, com a mesma turma, a professora de ensino religioso sempre iniciava suas aulas com a execução de uma atividade, explicando apenas o que era para ser realizado no exercício, para só depois abordar oralmente o assunto relacionado à atividade. A título de exemplo, em uma das aulas, a professora distribuiu um exercício com a imagem de um peixe para os alunos colorirem. Ao final da atividade, quando grande parte da turma já havia executado a proposta de colorir, é que ela explorou oralmente o assunto:

Alguém aqui já viu um peixinho igual a esse? Quem já assistiu um filme que tinha peixe? Que legal estou vendo que muitos aqui assistiram o Procurando Nemo! Muito bem esse peixe é o do filme. Vocês viram só o que aconteceu com ele? Nós temos que ouvir os nossos pais. O Nemo foi desobedecer o pai dele e perdeu o caminho de casa. A desobediência aos pais nos prejudica muito, não é verdade! O que vocês acham disso? Quem sabe escrever a palavra Nemo? Quais as letras que se usa? (Professora de ensino religioso).

Considerando a observação das diferentes formas de condução das aulas para uma mesma turma, pode-se afirmar que cada alfabetizadora, de acordo com suas concepções, apresenta uma maneira peculiar de conduzir os processos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. Essa variedade de tratamento didático-metodológico das professoras-alfabetizadoras com os mesmos alunos pode ser explicada, principalmente, pela subjetividade presente na atuação de cada alfabetizadora sobre o que seja alfabetização e letramento.

No entanto, um outro aspecto observado, que provavelmente também influenciava no desenvolvimento das aulas das diferentes alfabetizadoras, era o espaço de tempo que mudava significativamente de uma professora para outra. Assim, a maneira peculiar de trabalhar com processos que letram e alfabetizam relaciona-se também aos tempos disponibilizados ao docente responsável por esses processos para desenvolverem suas propostas. As professoras regentes das salas pesquisadas dispunham de um tempo relativamente bem maior que as

professoras das aulas especializadas das mesmas turmas. Essa disponibilidade de um maior tempo de atuação com os alunos possibilitava às professoras regentes, além de uma exploração melhor na apresentação e no desenvolvimento de conteúdos e no uso de mais recursos didáticos, no decorrer das aulas, um acompanhamento por um tempo mais prolongado do desenvolvimento dos alunos na realização das atividades.

Considerações Finais

Partindo dos pressupostos evidenciados na presente pesquisa, de que a alfabetização e o letramento são processos contínuos e de que as experiências com o universo da leitura e da escrita podem influenciar mais na qualidade do desenvolvimento desses dois processos do que a idade ou a série de escolarização, pode-se inferir que o alfabetizador, enquanto agente responsável pela mediação entre o aluno e a escrita, possui um papel de fundamental importância no desenvolvimento desses processos nas séries iniciais, especialmente nos três primeiros anos do Ensino Fundamental de nove anos.

Considerando ainda que as práticas de alfabetização são determinadas pelas concepções docentes e que o fato de o docente estar em uma sala de alfabetização é um convite à diversidade, ao novo, ao diferente, faz-se necessária uma reflexão constante por parte de todo educador-alfabetizador sobre suas próprias ações no desenvolvimento do trabalho de letrar e alfabetizar. Independentemente de atuar com 1º, 2º ou 3º ano do Ensino Fundamental de nove anos, se em um desses anos o professor estiver é porque ele é responsável pelo desenvolvimento desses dois processos.

No entanto, pode-se afirmar que a reflexão docente sobre a própria prática alfabetizadora apresenta-se como algo que muitas vezes pode ser favorecido ou dificultado, dependendo das condições que o meio oferece. Proporcionar aos profissionais essa reflexão, seja no contexto da própria instituição em que atuam e em espaços de formação continuada,

poderá lhes oferecer melhores condições de compreender o seu papel de alfabetizador em momentos de mudanças políticas e educacionais, como o atual.

Mediante a importância das experiências infantis com o universo da escrita nos espaços escolares, faz-se presente a necessidade de um olhar sobre a alfabetização e o letramento como processos contínuos que se desenvolvem antes e depois que a criança é inserida na escolarização obrigatória, sendo responsabilidade de todos os alfabetizadores, especialmente os que atuam nos três primeiros anos do Ensino Fundamental de nove anos.

As práticas de alfabetização e de letramento evidenciadas nas salas pesquisadas revelaram que alfabetizar letrando é possível desde que o professor-alfabetizador apresente disponibilidade para conhecer e estudar, além dos conteúdos que ele considera que o aluno deva aprender para ser alfabetizado, os conhecimentos que os seus alunos já trazem sobre a escrita e que servem de base para planejamento e constante avaliação de seu trabalho com os processos de construção dos conhecimentos sobre a escrita.

A pesquisa revelou através das concepções e práticas docentes que existem indícios de mudanças conceituais e metodológicas nos processos de alfabetização e de letramento. As professoras pesquisadas se empenham no exercício da profissão para se instruírem e procuram aplicar no cotidiano os conhecimentos produzidos através dos estudos, das trocas e das experiências, de acordo com as oportunidades com as quais se deparam na formação.

No entanto, apesar desses indicativos no desenvolvimento da alfabetização e do letramento, desenvolvidos nas séries iniciais, faz-se necessário repensar a formação docente para que esta possa contribuir efetivamente com mudanças conceituais e metodológicas sobre esses processos.

Portanto, oferecer uma formação que auxilie o professor a entender a aquisição e o desenvolvimento da leitura e da escrita de forma processual é necessário e urgente. Cada professora, sem conceber a alfabetização como processual, atua no sentido de alfabetizar a qualquer custo, isto é, atua alfabetizando

a partir da perspectiva de que a criança já deveria estar alfabetizada, pois essa responsabilidade caberia ao professor da série anterior.

Em suma, o equívoco do lugar da alfabetização, em detrimento de seu aspecto processual, ainda não foi superado entre as professoras alfabetizadoras da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia. Trata-se de um paradoxo histórico e cultural ainda presente e que a implantação do Ensino Fundamental de nove anos pode contribuir para superar.

Tendo em vista que o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa deve considerar, no processo de investigação, a subjetividade tanto do pesquisador quanto dos pesquisados, todo o percurso metodológico selecionado e vivenciado no decorrer dessa pesquisa apresentou-se a partir da construção de um olhar. A construção desse olhar sobre o contexto de estudo, os participantes e os próprios instrumentos, pode ter sido apresentada como um olhar míope, semelhante ao do astrônomo, referenciado por Brandão (2003). No entanto, o objetivo maior pelo qual se justificou a realização da presente pesquisa foi justamente, conforme o mesmo autor afirmou, o da construção de um olhar “de quem vê e percebe o que a mente procura compreender para si mesma e depois busca tornar cientificamente compreensível para os outros” (Brandão, 2003, p.49). A procura dessa compreensão pela pesquisadora caracterizou-se como um processo de desenvolvimento intelectual sobre as próprias práticas profissionais, de forma significativa. Mais do que pesquisar um contexto qualquer e os sujeitos que dele faziam parte, a pesquisadora estabeleceu um diálogo com o objeto de estudo na tentativa de construir uma interlocução com seus pares, suas experiências e próprias concepções, buscando contribuir para a produção coletiva de conhecimentos sobre a temática da alfabetização e do letramento.

O contexto é propício não apenas às reflexões sobre alfabetização e letramento dos alunos das séries iniciais, mas também dos processos de construção dos conhecimentos escolares que envolvem alunos e professores das demais séries do Ensino Fundamental de nove anos e do Ensino Médio. Repensar a orga-

nização escolar na Educação Básica como um todo poderá contribuir com uma aproximação entre Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, de maneira a estimular uma integração maior na qual alunos e professores possam estar envolvidos em um processo de forma mais contínua e qualitativa, tendo em vista os aspectos inerentes a todos os níveis.

Ao considerar que, em um mesmo nível, existem concepções diversificadas em relação ao trabalho a ser desenvolvido com a mesma faixa etária e com idades aproximadas, conforme evidenciou o presente estudo, pode-se afirmar que proporcionar essa integração entre os níveis de ensino apresenta-se como um grande desafio. Se por um lado essa coerência pode se configurar como algo difícil, por outro, pode-se afirmar que esta não é impossível, sendo um primeiro passo o desenvolvimento de um trabalho de integração em cada nível. A construção dessa integração deve envolver vários aspectos e um deles pode possivelmente ser a revisão dos encaminhamentos sobre as formações docentes como um de seus principais alicerces.

Referências

- André, M.E.D. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- Brandão, C.R. *A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação*. São Paulo: Cortez, 2003.
- Charlot, B. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- Ferreiro, E. *Alfabetização em processo*. 9.ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- Garcia, R.L. *Alfabetização dos alunos das classes populares*. São Paulo: Cortez, 1993.
- Haetinger, M. Vamos fazer uma revolução?: então, preparem suas armas! In: Parolin, I.C.H. (Org.). *Sou professor: a formação do professor formador*. Curitiba: Positivo, 2009.
- Kleiman, A.B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- Miranda, M.I. *Problemas de aprendizagem na alfabetização e intervenção pedagógica*. São Paulo: Cortez, 2008.
- Soares, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- Recebido em 8/9/2011 e aceito para publicação em 3/2/2012.